



## **O jornalismo sensacionalista representado nas produções audiovisuais <sup>1</sup>**

Rafael Sodré de Matos <sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz

### **Resumo**

O presente artigo é resultado de uma reflexão sobre filmes e documentários que retratam o jornalismo sensacionalista e tem como objetivo discutir a manipulação de informação e o sensacionalismo no quarto poder a partir dessas produções. Pretende-se também analisar o modo como os jornalistas malogrados são representados nesse tipo de produção, e como as histórias da vida real são transportadas para o cinema. A escolha das obras a serem analisadas obedeceu entre outros critérios, a relevância dos temas abordados. As produções são, respectivamente: “O quarto poder”, “O preço de uma verdade”, “Todos os homens do presidente” e “Brasil: Muito além do Cidadão Kane”.

### **Palavras-chave**

sensacionalismo; manipulação da notícia; ética; quarto poder; quinto poder

### **Apresentação**

Diferente do que possa pensar o telespectador brasileiro, acostumado a acompanhar discussões familiares passadas a limpo em programas de auditório, e a flagrar corpos mutilados em horário nobre, o jornalismo sensacionalista não é uma prática nova e tampouco é invenção dos produtores de TV nacional. Sua prática data desde os primórdios do próprio jornalismo moderno.

E é exatamente nos cafés de Londres, no começo do século XVII, que *Bill Kovac* e *Tom Rosenstiel* situam um possível início do que eles chamam de moderno jornalismo. Lá, os donos dos *pubs* (casas públicas) estimulavam as conversas com viajantes, pedindo que contassem o que tinham visto pelo caminho. “Na Inglaterra, havia cafés especializados em informações específicas. Os primeiros jornais saíram desses cafés por volta de 1609, quando tipógrafos mais atrevidos começaram a recolher informações, fofocas e discussões políticas nos próprios cafés, depois imprimindo tudo” (PENA, 2005: 25).

---

1. Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, orientado pela professora de jornalismo e mestra em Educação Rita Virgínia Argolo, Coordenadora do curso de Comunicação Social (rádio e Tv) da UESC



2. Estudante do sexto semestre de Comunicação Social (Rádio e TV) na UESC

Esse gênero, que tem no apelo emocional sua principal característica, abusa de imagens sensacionais que constantemente retratam violência e flagras do ser humano em atitudes extremas e situações limite. Uma fórmula com garantia de sucesso, atestada e aprovada pelo público, e comprovada pelas pesquisas de audiência. Tão garantida que se antes utilizada tão somente pela mídia de cunho apelativo, foi incorporada à linguagem do cinema *blockbuster*<sup>3</sup> norte-americano e, ironicamente, reproduzido em obras videográficas que procuram retratar essa disfunção dessa modalidade de mídia.

As práticas jornalísticas de empresas de mídia que sobrevivem da espetacularização da notícia, e jornalistas irresponsáveis capazes de manipular e forjar situações e informações serviram de temas para filmes e documentários. Agora são esses mesmos filmes que estão sob análise.

### **“O Quarto Poder” e a espetacularização da notícia**

No filme “O Quarto Poder” (E.U.A., 1997), *Max Brackett* (*Dustin Hoffman*) é um repórter sensacionalista que sobrevive na profissão graças à fama da nostálgica época em que fora um profissional de renome em uma grande emissora em Nova York. Em baixa na empresa, e produzindo uma reportagem irrelevante em um museu, *Brackett* acaba presenciando a discussão de um segurança (*John Travolta* no papel de *Sam Baily*) demitido por “corte de verbas” e que implora por ter de volta o seu emprego. A diretora do museu reluta em dar ouvidos ao ex-funcionário; esse se exaspera e acidentalmente sua arma dispara, atingindo o colega de profissão.

O que poderia ser então considerado uma simples e infeliz sequência de fatos desconexos e atitudes acidentais se tornam um furo de reportagem sensacionalista, capaz de tornar o repórter personagem da notícia juntamente com o objeto da reportagem. E, a partir daí, a motivação pessoal e a mente deturpada de “o repórter errado na hora e local certos” desfiguram um acontecimento funesto do cotidiano transformando-o em um sinistro espetáculo nacional transmitido ao vivo, fazendo o uso de meias-verdades, interferindo na notícia, omitindo e manipulando fatos até que a situação fuja totalmente do controle e o



3. “*Blockbusters*” é como são chamadas as superproduções de Hollywood dedicada ao público de massa e ao rápido retorno financeiro.

resultado se torne uma tragédia que envolva vidas humanas.

A personagem de *Dustin Hoffman* vai de encontro às mais básicas noções de ética jornalística e atinge um nível rasteiro de dignidade humana. Além de induzir o seqüestro, *Max Brackett* se oferece como testemunha e faz um trato com o ex-segurança (e agora seqüestrador): que este lhe conceda a exclusividade da notícia, e em troca promete torná-lo vítima da situação, mais um na figura de trabalhador e pai de família esforçado que perdeu o emprego de forma injusta. A notícia se espalha rapidamente e toda a imprensa da cidade se posiciona em frente do museu. Cada emissora dá a sua versão da estória e a situação sai do controle (em *Hollywood* entenda-se “sair do controle” por “fatalidade”).

Dirigido pelo grego Costa-Gravas, “O Quarto Poder” (*Mad City*, E.U.A., 1997) é um filme que, além de representar com fidelidade (e uma pequena dose de exagero e dramaticidade permitidos pelos estúdios da Califórnia) os bastidores do *newsmaking*<sup>4</sup> espetacularizado que se tornou certa vertente do jornalismo norte-americano, funciona como objeto de discussão sobre o importante tema que aborda: o poder da mídia, e a manipulação das informações nesse essencial e persuasivo meio de comunicação de massa que é a televisão.

O jornalismo está longe de ser o espelho do real. É, antes, a construção social de uma suposta realidade. Dessa forma, é no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem os discursos, que, submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícia (PENA, idem: 128).

Para a socióloga Maria Lúcia Victor Barbosa, manipulação acontece “quando ‘A’ deseja provocar determinado comportamento em ‘B’ sem manifestá-lo explicitamente, e ‘B’ obedece sem se dar conta de que está se comportando exatamente como ‘A’ deseja”. Para a autora a manipulação é uma das mais traiçoeiras formas de domínio, pois é oculta, dispensa legitimação, “(...) instrumento controle capaz de obter a obediência incondicional, inclusive, de grande parte da sociedade” (BARBOSA, 2002).

Grande fonte de informação, formadora de opinião pública e referencial de manipulação, capaz de dissuadir todo um público. Um exemplo atual de uso irresponsável poder”, que, quando utilizada de forma irresponsável e tendenciosa, torna-se um meio de



4. O modelo do *newsmaking* é sistematizado por Mauro Wolf e Nelson Traquina. Sobre o processo que envolve a produção da notícia e os principais critérios para tal é destacado por Felipe Pena como “noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas de produção.

manipulação, capaz de dissuadir todo um público. Um exemplo atual de uso irresponsável

desse meio é o que surgiu na sociedade americana - acostumada a transformar sua cultura em espetáculo mundial, onde o *show business* domina os meios de comunicação e o jornalismo sensacionalista produziu o que se denominou “espetacularização da notícia”, exemplificado na atitude do repórter do filme citado.

Se *Max Brackett* é condenado por aproveitar-se de uma situação limite vivida pela personagem de *John Travolta* para conseguir audiência, Costa-Gravas não sai ileso por saciar o público com a redenção do jornalista. Em níveis díspares, evidentemente, ambos procuram a atenção e empatia do espectador.

### **Verdade à venda, ou a notícia de ficção**

O segundo filme que serve de base para a nossa discussão é o também americano “O Preço de Uma Verdade” (“*Shattered Glass*”, 2003), dirigido por *Billy Ray*. Ele conta a trajetória de um jornalista que se destaca no meio profissional pelas matérias sempre interessantes e impressionantes que escreve, e que aos 25 anos já fazia parte da equipe principal do respeitável jornal impresso americano: *The New Republic*, de *Washington*, considerada “a leitura oficial na Casa Branca”. Mas a fama e prestígio de *Stephen Glass* se extinguem quando o trabalho investigativo de um repórter de mídia digital chamado *Adam L. Penenberg* (*Steve Zahn*) descobre que a matéria assinada por *Glass*, “*Hack Paradise*”, sobre um encontro nacional de *hackers* era, em sua totalidade, inventada. A partir daí, segue-se um embate entre investigador e investigado que termina em tribunal e com uma constatação mais impressionante do que o rápido crescimento profissional do jornalista em questão: das 41 matérias escritas por *Stephen Glass* no *The New Republic*, 27 eram fantasiosas. Ele foi capaz de falsificar anotações, fornecer telefones falsos e de criar sites para sustentarem suas mentiras.

A falta de apuração mais dedicada das fontes informações por parte dos editores de *The New Republic* em parte nos parece justificada na transformação da imprensa citada pela jornalista Maria Joana Chaise em seu artigo ‘O sensacionalismo e a dependência do jornalismo ao mercado’. A autora relembra a antiga motivação da imprensa – antes organizada em como empresa artesanal, que desde seu início até o



final do século XVIII eram “o engajamento nas grandes lutas políticas” e a divulgação de notícias. Fazendo referência à Paul Virilio a autora enfatiza que a partir do século XIX até os dias atuais a história tecnológica da mídia pode ser resumida como a história da fabricação e instalação de meios cada vez mais rápidos de propagar a informação” (VIRILIO apud CHAISE, 2006).

Apesar de passar a impressão de um *Stephen Glass* perturbado e afetado, que apenas mente compulsivamente, o jornalista em questão é na verdade um profissional astuto que conhece as “brechas” e falhas dentro da sua profissão (o que leva a acreditar que na lógica da indústria cinematográfica, perturbação mental vende mais bilheteria do que desvio de comportamento e falta de ética). Prova disso é o depoimento do próprio *Stephen Glass* ter assumido de vez o seu talento em contar histórias e ter se tornado um escritor.

### **Jornalismo, esse inalienável?**

O exemplo do jornalismo engajado com a verdade também já foi retratado no cinema. É o caso de “Todos Os Homens do Presidente” (*All the President's Men*; E.U.A., 1976), que trata de um dos maiores mistérios de escândalo de corrupção dos Estados Unidos, que em 1974 destituiu o então presidente reeleito Richard Nixon do poder. Trata-se da confissão espontânea do ex-agente do FBI *W. Mark Felt*, que admitiu ser o “Garganta Profunda”, fonte secreta no famoso caso *Watergate*, onde cinco homens foram pegos invadindo o edifício onde se situava o comitê do Partido Democrata. Fora descoberto algum tempo depois da invasão, graças ao trabalho investigativo dos jornalistas *Bob Woodward* e *Carl Bernstein* (*Washington Post*), que os cinco homens-primariamente tratados pela mídia como meros assaltantes, eram na verdade ex-agentes federais e estavam praticando espionagem a serviço do Partido Republicano. A partir daí, o que era uma notícia aparentemente irrelevante, além de virar tema para livro, filme e documentário.

Mas, mais importante do que o filme propriamente dito, é a grande relevância e repercussão do tema abordado. O compromisso com a verdade do jornal *Washington Post* na época, a competência e persistência investigativa dos dois jornalistas envolvidos mudou a história recente do seu país.

“Todos Os Homens do Presidente” é uma obra sobre o real do jornalismo, sobre a realidade e a realização da prática da reportagem; uma afirmação da possibilidade da objetividade, da urgência da objetividade diante das acusações, das denúncias, das suspeitas, dos indícios, dos dossiês. Porque nenhum passo pode ser falso ou falseado. Pois quem perde é a democracia americana. A razão está com a democracia e com a Constituição americanas. (PEDROSO, 2006)

## O poder da mídia e o Cidadão Kane brasileiro

Diferente das obras analisadas anteriormente, que fizeram uso da ficção para retratar relatos e personagens que realmente existiram, faz-se necessário incluir no presente artigo um documentário; algo que lembre que a régua para qualquer análise e prática do jornalismo é a realidade.

Vão-se já quatorze anos e certo documentário de um inglês, sobre certo magnata da mídia nacional continua censurado em território brasileiro por ordem judicial. Trata-se de “Brasil: Muito Além do Cidadão Kane” (“*Brazil: Beyond The Citizen Kane*”, Inglaterra, 1993), realizado pelo jornalista *Simon Hartog* e exibido no canal 4 da BBC de Londres.

O motivo de tanto barulho seria questionável se ignorado por alguns instantes o seu conteúdo e a relevância política e social dos envolvidos nos episódios denunciados pela obra. Ela trata da recente história do nascimento da televisão nacional, suas peculiaridades, as estórias sobre as empresas de mídia que abriram e fecharam portas, e denuncia o envolvimento da maior e mais poderosa dessas, a Rede Globo de Televisão, e de seu proprietário, Roberto Marinho, com a ditadura militar, sua atuação direta nas decisões políticas de interesse nacional e as notícias manipuladas ou ocultadas para não ofender nem atrapalhar interesses de “terceiros” importantes na jornada da companhia para se tornar a quarta maior empresa de mídia televisiva mundial.

Em um documentário dessa natureza o mais importante é mostrar dados de pesquisa, imagens e depoimentos de atores diretos e coadjuvantes reais da história- e isso se faz presente ao longo de toda reprodução do documentário. O objetivo de *Hartog* parece simples: comparar a trajetória de dois magnatas da comunicação, um do cinema (o protagonista de “O Cidadão Kane”, de *Orson Welles*, baseado na vida de *William Randolph Hearst*- poderoso e riquíssimo empresário de mídia americana no século passado) e outro – mais rico e influente, de um país latino-americano, dono de 70% da



mídia nacional, mas o documentário vai além ao mostrar a fragilidade e vulnerabilidade da mídia.

## **Conclusão**

Os fatos e julgamentos a respeito da mídia (escrita ou falada) - seu poder de influência e sua fragilidade quanto à transmissão de informações manipuladas por interesse privado – que foram levantados no presente artigo ou no conteúdo dos produtos audiovisuais analisados dizem respeito a temas já antes debatidos, mas que devido a sua alta relevância devem ser constantemente levados à tona. Mais importante do que o ineditismo são as conseqüências do jornalismo irresponsável, e a discussão a respeito de como a sociedade pode agir para reverter ou amenizar ao máximo esse quadro de vulnerabilidade em relação aos meios de comunicação de massa.

Discute-se o nascimento de “o quinto poder”, responsável por vigiar a mídia. Mais sensato do que esperar o surgimento desse novo poder a partir da iniciativa de representantes do governo e considerar a possibilidade de se tornar mais uma arma de manipulação na mão desses (na verdade esse poder já está na mão de políticos. Não é segredo que no Brasil as permissões de transmissão de sinais de televisão foram cedidas às emissoras de posse de familiares e próximos de políticos). É o que propõe o estudioso *Roger Silverstone*, que acredita na capacitação da sociedade para a fiscalização da mídia. Uma “cidadania informada”, que permitisse a todos os cidadãos a capacidade reflexiva suficiente para se contestar as informações veiculada nos meios de comunicação. E pra dissuadir quem não vê aí um importante objeto de estudo e reflexão *Silverstone* completa: “a cidadania do século 21 requer um conhecimento sobre os meios de comunicação que até agora poucos de nós têm, por isso, ela necessita ser estudada”(SILVERSTONE, 2002).

Quando as pessoas não acreditam mais no que lêem, as suas únicas escolhas serão ligar o televisor para as suas notícias diárias, ou parar de vez de procurar pela informação. Ambos os caminhos, penso eu, são caminhos muito perigosos para esse país (*RAY*, 2003).

Perigoso para os Estados Unidos e para qualquer outra nação desse planeta.



## Referências bibliográficas

BARBOSA, Maria Lúcia Victor. **Considerações sobre o quarto poder.** Artigo disponível em <<http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0217.htm>> Acesso em: 10 set. 2006

CHAISE, Maria Joana. **O sensacionalismo e a dependência do jornalismo ao mercado.** Disponível em <<http://200.204.77.119/multevento/intercom/2007/sul/cdrom/cd/resumos/R0618-1.pdf>> Acesso em: 8 jan. 2007

FORBES. **Site de jornalismo eletrônico.** Disponível em <<http://www.forbes.com/1998/05/11/otw3.html>> Acesso em: 8 ago. 2006

IMDB. **Site sobre cinema.** Disponível em <<http://www.imdb.com>> Acesso em: 12 ago. 2006

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005

PEDROSO, Rosa Nívea. **Quando a reportagem muda o rumo da história.** Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mt260620021.htm>> Acesso em: 12 jan. 2007

SILVERSTONE, Roger. **Por que Estudar a Mídia?** São Paulo: Loyola, 2002

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teoria e estórias.** Lisboa: Vega, 1993

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Presença, 2002

WIKIPEDIA. **Enciclopédia eletrônica.** Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Beyond\\_Citizen\\_Kane](http://pt.wikipedia.org/wiki/Beyond_Citizen_Kane)> Acesso em: 14 maio, 2007